

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Alessandra Ferreira de Santana Silva

DESENHO INFANTIL

Belo Horizonte

2015

Alessandra Ferreira de Santana Silva

DESENHO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Libéria Rodrigues Neves

Belo Horizonte

2015

Alessandra Ferreira de Santana Silva

DESENHO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Libéria Rodrigues Neves

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Libéria Rodrigues Neves (orientadora) – Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Ms. André Soares da Cunha (avaliador) – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

O desenho infantil é a primeira escrita da criança. Trata-se de um importante recurso pedagógico que contribui para o processo de desenvolvimento das crianças. Este trabalho discorreu sobre a forma como o mesmo vem sendo usado no âmbito da educação infantil, a partir de uma pesquisa desenvolvida na Unidade Municipal de Educação Infantil Taquaril. Procurou conhecer a concepção do desenho infantil a partir do olhar do corpo docente e discente dessa UMEI. Mediante pesquisa bibliográfica, questionários aplicados junto a professores e entrevista com as crianças buscou-se responder às questões chave deste estudo.

Palavras-chave:desenho, educação infantil, professores, crianças.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir realizar mais um dos meus sonhos,
A minha querida orientadora Libéria, pelo empenho e apoio dedicado a essa pesquisa,

A meu esposo e minhas filhas, pela paciência e compreensão nos meus momentos de angústia e fraqueza,

A minha mãe e minha irmã pelas orações,

A Leane minha vice diretora e amiga, que sempre me motiva a buscar mais acreditando no meu potencial,

Enfim a todas as colegas e crianças da UMEI Taquaril, que participaram de forma direta e indireta para realização desse trabalho,

Muito obrigada!

Sem Borracha

*Ele está sempre certo,
Na simplicidade, na curiosidade
E na exploração do traço.*

*Ele está sempre certo
No desembaraço espontâneo,
Desordenado, controlado e intencionado.*

*Ele está sempre certo,
Na realidade ou na fantasia
Entre formas com ou sem detalhes.*

*Ele está sempre certo
Ao toque de uma criança
Criando, expressando, imaginando, concretizando.*

*Ele está sempre certo
Descrevendo as cores da vida,
Percebendo o encanto das flores
Enxergando além de um abraço.*

*Ele está sempre certo
Desenhando entre linhas e
Pontos diversos.*

Professora: Tânia Chantal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. SOBRE O DESENHO – Uma Introdução	10
1.1 O desenho para a criança.....	11
1.2 Fases do grafismo.....	12
2. O DESENHO NA ESCOLA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
2.1 As orientações para Educação Infantil.....	20
3. UM PLANO DE AÇÃO	24
3.1 Sobre a UMEI Taquaril.....	25
3.2 Apresentação dos dados.....	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	41
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo esclarecer e provocar reflexões relacionadas ao desenho infantil, enfatizando-o como primeira escrita da criança, além de dar respostas as minhas indagações enquanto professora da Educação Infantil na RMEBH,¹ na medida em que me interrogo frequentemente sobre a forma como são utilizados as expressões gráficas das crianças no âmbito escolar.

Ao começar traçar o meu projeto de pesquisa para esse trabalho, fiz uma análise acerca de toda a minha trajetória acadêmica e profissional e compreendi que não basta achar bonito o desenho das crianças, é preciso “compreender como as suas produções gráficas contribuem para o seu desenvolvimento”.

Reverendo a minha prática pedagógica pude perceber que muitas vezes orientava-me em desenhos prontos e estereotipados não dando possibilidades para que as crianças se expressassem. Minha preocupação era preencher o tempo das crianças com atividades de colorir, pintar as mãos e os pés das crianças e deixar marcas no papel, julgando serem atividades isoladas e fora de um contexto.

Então me questioneei sobre a importância que realmente estava dando as produções das crianças, sendo motivada a escolher falar sobre o tema.

Toda criança se alegra ao praticar atividades artísticas, onde manifesta suas emoções quase sempre por meio dos desenhos. É através dos desenhos que elas soltam sua imaginação e expressam seus sentimentos.

Mas qual tem sido a reflexão do professor em relação à prática do desenhar? Temos contribuído para a ampliação das capacidades criativas das nossas crianças, ou temos visto o desenho como simples passa tempo na rotina escolar?

O objetivo geral deste trabalho foi verificar qual a concepção do desenho e o uso do mesmo na visão de professores que atuam com crianças de 3 a 5 anos dentro da escola; e qual a concepção das crianças em relação ao desenho e o desenhar na escola.

De acordo com Lowenfeld (1977), nesta idade as crianças criam conscientemente modelos que têm alguma relação com o mundo à sua volta, sendo

¹ Sigla usada para designar a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

assim, este trabalho buscou abranger esta faixa etária por se tratar do início da concepção gráfica pela criança.

E como embasamento teórico pretendeu-se discorrer sobre as abordagens dos seguintes teóricos: Florence de Merendieu (1995), Derdyk (2004), Lowenfeld e Brittain (1997) dentre outros.

No primeiro capítulo foi abordado brevemente o que é desenho e as relações que as crianças estabelecem com o mesmo, além de uma atenção à produção teórica sobre o grafismo infantil.

O segundo capítulo aborda o uso do desenho nas escolas de Educação Infantil e como alguns documentos oficiais orientam trabalhar com esse recurso pedagógico no âmbito escolar.

O terceiro capítulo apresenta um trabalho de campo que visou uma investigação a partir da aplicação de 2 questionários (o 2º como complemento do 1º) junto a um grupo de professoras da UMEI² Taquaril, bem como a partir de uma entrevista coletiva com um grupo de crianças; afim de verificarmos a tais concepções acerca do desenho e de seu uso nas práticas pedagógicas da educação infantil.

Por fim, conclui-se, a partir do trabalho empírico, que o desenho como instrumento pedagógico, tem o reconhecimento das professoras e a apropriação das crianças.

² Sigla usada para designar as Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte.

1. SOBRE O DESENHO – Uma introdução

Quando pensamos em desenho, a primeira imagem que passa em nossa mente geralmente agrega o desenho ao lápis e papel. Entretanto, o desenho pode ser pensado desde a Pré-história, quando o homem percebia a necessidade de revelar suas emoções por meio de riscos nas pedras. Desse modo, demonstrando que essa forma de expressão não resulta somente na criação elaborada no papel, e pode ser realizada por diferentes meios e com diferentes finalidades.



IMAGEM 1:Foto criança desenhando no chão na UMEI Taquaril
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Derdyk (2010) nos mostra que podemos ter diferentes suportes para a comunicação através do desenho, como o papel, a lousa, a pedra, a madeira, o tecido, a areia, etc; e com a utilização de instrumentos como o lápis, a caneta, a canetinha hidrocor, giz, pincel, bico de pena, entre outros. Além disso, o desenho pode ser apresentado também como uma impressão digital, ou como registros da natureza - nervuras de plantas, as nuvens no céu que, quando olhamos usando nosso imaginário, visualizamos formas e até o nosso próprio corpo quando produz imagens.

Segundo Derdyk (2010) o desenho requisita uma atitude integral. Ou seja, desenhar não é copiar formas e figuras, não é simplesmente proporção e escala; desenhar nos possibilita conhecer, apropriar-se expressar-se.

Pode-se dizer que o desenho é uma representação gráfica de linha e textura, que transmite mensagens com diversas definições. É composto por três elementos fundamentais: o material que é usado na invenção, o sujeito autor desta produção e a própria produção originada. Ele está inserido no âmbito da percepção, da admiração e da compreensão.

Sendo assim, cabe ressaltar que o desenho é a primeira escrita da criança. Através de suas produções, estas expressam muitas vezes seus temores, suas descobertas, suas alegrias e angústias. A criança desenha pelo simples prazer de deixar suas marcas e é um treinamento que reproduz para afirmar-se do seu domínio sobre aquele movimento.

1.1 O desenho para a criança

Como já dito anteriormente, o desenho é a primeira manifestação gráfica de uma criança. Ele permite que esta se expresse de maneira espontânea, possibilitando-a transformar mensagens que capta de seu cotidiano.

É o desenho a maneira como [a criança] organiza as pedras e as folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres, na brincadeira de casinha. Entendemos por desenho o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe. (MOREIRA, 1984, p.16).



IMAGEM 2: Crianças desenhando com pedras no chão na UMEI Taquaril
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Ao desenhar a criança representa seu meio. Esse representar vem carregado de um tipo de conhecimento, que é resultado da cultura vivenciada pela criança. É brincando e fantasiando que ela vai deixando o seu rastro, o seu registro, a sua expressão e, gradativamente, vai contando a sua história.

Quando pensamos no desenho infantil, precisamos ter em mente que, para a criança, o desenho é um meio de expressão. Desta forma, ao desenhar, ela revela “parte de si própria: como pensa, como sente e como vê a sua realidade e a si mesma” (LOWENFELD & BRITTAİN, 1997, p.19).

Ao nos depararmos com o desenho de uma criança, muitas vezes não temos ideia de quanta elaboração e diálogo ela manteve com aquele desenho antes de considerá-lo concluído. A produção das crianças possibilita trocas de percepções, ideias, informações e conhecimentos. Como afirma Ribeiro:

Desenhar é ver, é trazer ao visível. Uso o desenho como instrumento do pensamento... É por meio do desenho que percebo elaboro questões de meu interesse, como um pensamento, uma superfície, um corpo, algo que se projeta no espaço. (RIBEIRO, 2012, p.83, *apud* BARBIERI)

À medida que a criança desenvolve, observamos transformações ocorridas em seus desenhos. Desta forma, em cada idade apresenta particularidades peculiares e diferentes maneiras de desenhar. Estas maneiras não são idênticas em todas as crianças, pois devemos considerar fatores biológicos, sociais, econômicos, culturais, além de suas características individuais.

O desenho infantil tem sido objeto de estudo por diferentes profissionais: psicólogos, educadores, sociólogos, dentre outros especialistas. Nesta perspectiva, diversos teóricos se dedicaram especialmente ao estudo do desenvolvimento gráfico infantil. Serão apresentadas a seguir as concepções teóricas sobre os estágios de desenvolvimento gráfico infantil abordado pelos autores Lowenfeld e Brittain (1997).

1.2 Fases do grafismo

A capacidade de desenhar faz parte do ser humano, mas assim como nenhuma pessoa nasce sabendo falar, andar e escrever, o desenho também é uma

habilidade que vai se constituir a partir de muitas e sucessivas experiências que cada pessoa irá vivenciar.

Desse modo, o desenvolvimento do desenho infantil é um processo diferente em cada uma das etapas da existência do ser humano. O conhecimento em relação ao desenvolvimento deste processo é algo muito importante para observar a trajetória de uma criança.

Assim sendo, é fundamental que o professor conheça as fases do desenvolvimento do desenho infantil a partir de diferentes teóricos, pois assim ele será capaz de mediar à produção de seus alunos com critérios, e propor atividades que auxiliem no processo de aprendizagem das crianças. A arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, uma vez que está claro que é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem.

Viktor Lowenfeld (1977) foi um autor que apontou os desenhos das crianças como importantes para o desenvolvimento. Ele dividiu o desenho das crianças em fases, denominando-as de acordo com a idade. Sendo assim, cada fase marca um novo progresso da prática gráfica das crianças. As fases denominadas por Lowenfeld são as seguintes: Garatuja, dos dois aos quatro anos; fase Pré-esquemática, dos quatro aos sete anos; fase-Esquemática, dos sete aos nove anos; Realismo, dos nove aos 12 anos; Pseudonaturalista, dos 12 aos 14; e, dos 14 aos 17; a arte do adolescente.

Aqui neste trabalho serão tratados elementos referentes às fases presentes no início do desenvolvimento da criança, que vão desde a Garatuja até a fase Pré-esquemática.

A garatuja é marcada como o primeiro rabisco da criança. Ocorre por volta de um ano e meio de idade. Nesta fase a criança encontra-se no período sensório-motor³ e o seu desenho tem ausência de qualquer representação, ou seja, mesmo que a criança seja estimulada pelo adulto a nomear seu desenho, para a criança esta produção está ligada somente ao prazer pelo movimento.

³ Piaget denominou o estágio que vai desde o nascimento até 2 anos de vida da criança como período sensório-motor. Utilizou essa denominação, pois é durante os primeiros anos de vida que o bebê percebe o mundo e atua nele, onde coordena as sensações vivenciadas junto com comportamentos motores simples, juntando o sensorial a uma coordenação motora primária. Disponível em <http://www.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-periodo-sensorio-motor-de-piaget>, acesso em 30/03/15 às 12:34.

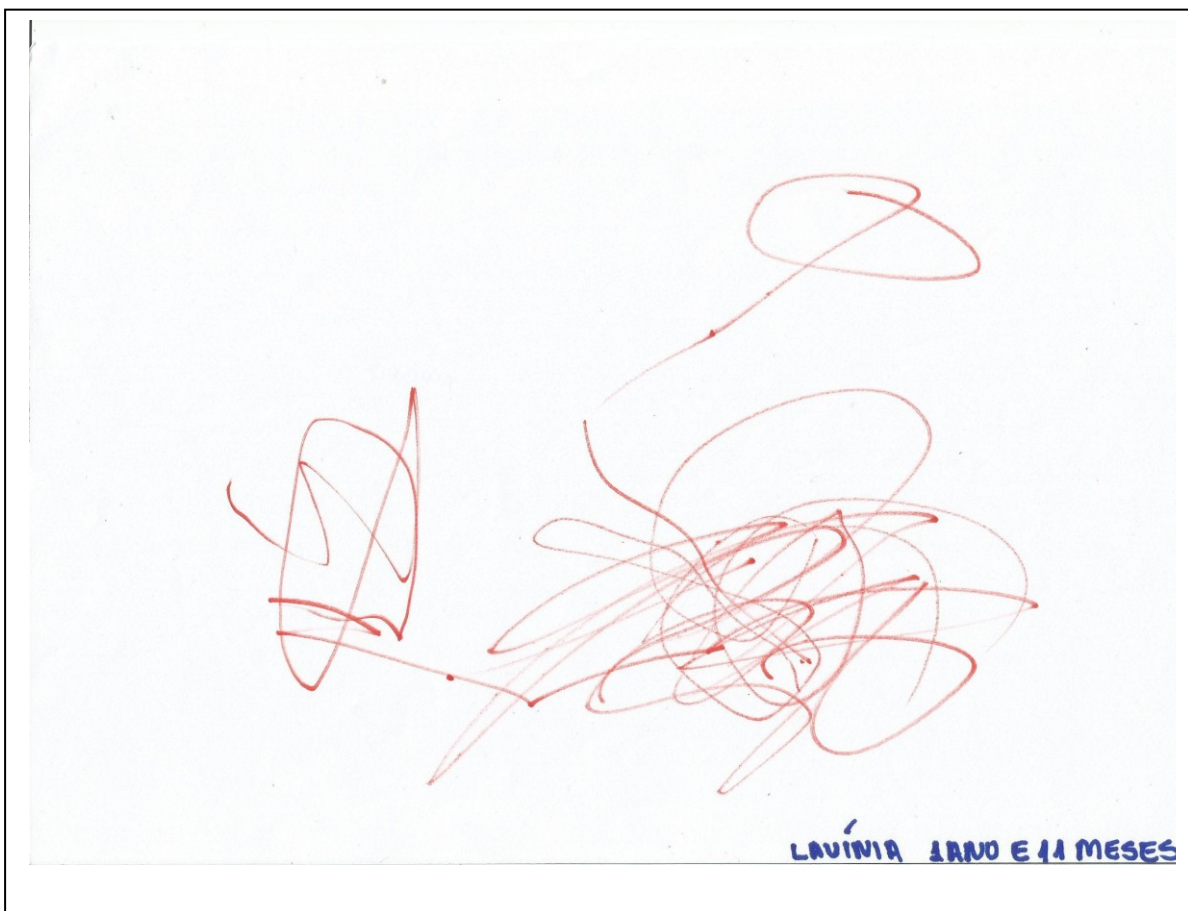


IMAGEM 3: Desenho de aluno da UMEI Taquaril – Garatuja desordenada
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

É muito importante, nessa fase inicial, o olhar valorizado do adulto, não desmerecendo o esforço da criança. Sobre isso, Lowenfeld e Brittain (1997, p.117) orienta: “a forma como essas primeiras garatuja forem recebidas pode ter enorme importância em seu contínuo crescimento. É lamentável que a própria palavra ‘garatuja’ tenha conotação negativa para os adultos”; ou seja não entende o desenho como uma linguagem das crianças e julgam como simples rabiscos.

Para Lowenfeld e Brittain (1997), o ato de garatujar não necessita de incentivo, mas não se pode também mandar a criança parar de desenhar, uma vez que ela está se descobrindo e se desenvolvendo. Sendo para ela muito importante rabiscar a todo o momento.

Ainda de acordo com estes autores, (LOWENFELD & BRITAIN, 1997), as garatuja podem ser classificadas em: garatuja desordenada, garatuja controlada e garatuja com atribuições de nomes.

As garatuja desordenada são caracterizadas por formas de linhas

longitudinais que vão se arredondando, tornando-se circulares, se aspiralando e se submergindo. Logo após, começam a se separar e surgem os círculos soltos. Sendo esse momento o primeiro esboço produzido pela criança, embora ainda de forma não intencional para uma possível representação. Seus traços variam muito, com idas e vindas no papel, de acordo com o movimento do seu corpo.

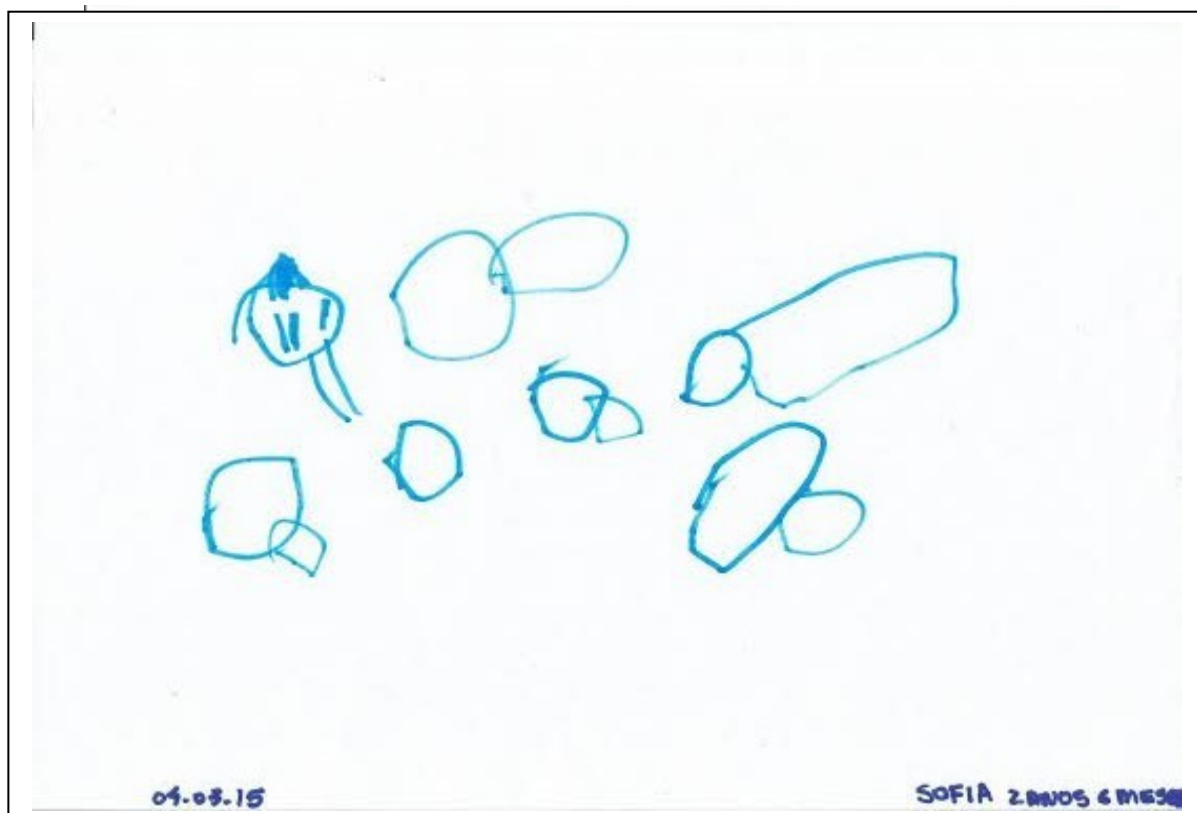


IMAGEM 4: Desenho de aluno da UMEI Taquaril – Garatuja
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

É normal que nesta etapa as crianças queiram desenhar pelas paredes, nas mesas, em qualquer superfície, desde que haja algum material para riscar.

A garatuja controlada, segundo Lowenfeld e Brittain (1997), pode ser observada depois de muitos riscos, quando a criança começa a perceber seu desenho e a identificar-se nele. Nessa fase, as crianças concentram mais nos seus desenhos, os traços começam a ser maiores e elas conseguem dominar o espaço sem sair dele.

Isso passa a ocorrer por volta de três anos e meio de idade, quando as crianças começam a desenhar para dizer algo, para fazer de conta, para falar de si, sendo o começo da representação do jogo simbólico. As garatujas ainda são presentes em suas produções, mas, começam a ganhar nomes e se diferenciar no espaço do papel.



IMAGEM 5: Desenho de aluno da UMEI Taquaril – Garatujas com representações simbólicas.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Nesta fase ocorrem variações nestes nomes dados pelas crianças, ou seja, o que a criança desenhou agora pode ser um sapo, e amanhã, quando interrogada, pode dizer que o mesmo desenho é um cavalo, contudo está sempre presente a intenção de dizer algo, agora sendo o desenho considerado como linguagem.

Começam a aparecer as primeiras figuras humanas e o sol no desenho das crianças. As figuras retratadas a partir de agora, ainda com 3 anos, refletem uma mistura de inúmeras descobertas. Aos poucos, a figura humana, por exemplo, ganha uma barriga, mesmo tendo um olho só; outrora ganha pernas grudadas na cabeça, com um rosto bem expressivo; e, mais perto dos 4 anos de idade, parecem exprimir com mais fidelidade o corpo humano com tronco, cabeça, braços e

pernas.



IMAGEM 6: Desenho de aluno da UMEI Taquaril – Aparecimento da figura humana.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Neste período de transição, a criança se dá conta de que é capaz de criar graficamente uma ideia mediante marcas deixadas no papel ou num suporte qualquer; aos poucos introduz modificações no desenho em razão do domínio crescente dos movimentos e, principalmente, dos avanços representativos.

Por último trataremos aqui da fase Pré-esquemática. Esta ocorre por volta dos quatro aos sete anos e é caracterizada pela consciência da criança em retratar seu mundo. Agora ela cria, conscientemente, modelos que têm alguma relação com o mundo à sua volta.

Este trabalho consciente de formas adquire grandes significados, pois se trata do início da compreensão gráfica.

A criança começa a desenhar de forma intencional, representando imagens importantes a ela, “os traços e as garatujas perdem, continuamente, suas relações com os movimentos corporais e passam a ser controlados, relacionando-se com objetos visuais (LOWENFELD & BRITAIN (1997, p.148).

À medida que o pensamento evolui, os desenhos se transformam. Com os avanços das habilidades representativas, a criança fará os desenhos de forma mais detalhada acompanhando os avanços ligados ao pensamento. A partir desta evolução, começam a demonstrar o desejo de serem fiéis à realidade, assim como compreendem.



IMAGEM 7 : Desenho de aluno da UMEI Taquaril – Fase Pré-esquemática.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

É importante destacar que o pensamento da criança só evolui se a ela for dada a chance de desenhar, brincar, enfim agir sobre as coisas retirando experiências sobre as mesmas.

2. O DESENHO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com o RCNEI – Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 1998), a presença das artes visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica, a qual reconhecia a arte da criança como manifestação espontânea e auto expressiva, e a prática pedagógica existente. Ou seja, em muitas propostas as práticas de artes visuais são entendidas como mero passatempo onde a atividade de desenhar é destituída de significados.

Nessa perspectiva, o desenho é visto com uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas e datas comemorativas, enfeitarem as paredes com personagens estereotipados, ou ainda feitos pelos adultos em folhas mimeografadas como exercícios de coordenação motora.

Segundo Viktor Lowenfeld(1997), a potencialidade criadora da criança se desenvolve naturalmente, em estágios sucessivos, desde que se ofereçam condições adequadas para que as crianças se expressem livremente. Quando o autor usa a expressão “naturalmente” temos que ter cuidado para não cairmos no mito que esse processo se dá de forma espontânea. A criança precisa de estímulos adequados para que esse processo aconteça de forma que favoreça seu desenvolvimento.

Sabe-se também que as produções das crianças sofrem influência da cultura. Florence de Mériedeu (2006) afirma que a influência sobre os desenhos varia de acordo com a idade da criança e, quanto menor, menor influência a mesma terá.

Em contrapartida, Vygotsky (1987*apud* FERREIRA, 2003,p.41) afirma que a imaginação não se limita à reprodução de imagens historicamente constituídas, mas, com bases nelas, o indivíduo cria novas combinações. O que nos remete a pensar que a criança mesmo tendo contato com desenhos de adultos é capaz de criar suas próprias produções.

Desse modo, o desenho que a criança desenvolve no contexto educacional é um produto de sua atividade mental e reflete sua cultura e o seu desenvolvimento cognitivo. Logo, fica claro que isso não deve acontecer de forma mecânica.

Sendo, portanto o desenho um processo complexo que envolve a imaginação, a realidade e a mediação, torna-se tarefa fundamental do Professor da Educação

Infantil, compartilhar conhecimentos com as crianças, nas diversas linguagens que farão parte de sua vida.

A tarefa do professor dentro da linguagem gráfica é valorizar as produções das crianças, desafiando-as com propostas criativas a partir da observação atenta de suas produções. Oferecendo-lhes uma diversidade de suportes e materiais adequados, o educador não pode contentar-se em ser mensageiro de cultura apenas de modo passivo, mas deve desenvolver ativamente a cultura, por meio da educação de si próprio. Nas palavras do professor Aroldo Lacerda⁴, responsável pela disciplina Artes Visuais componente do conteúdo do curso Múltiplas linguagens em Educação Infantil:

o professor tem que tornar os desenhos das crianças cada vez mais potentes; precisamos também desconstruir a concepção de beleza que foi instaurada no século XVI e proporcionar às nossas crianças desenhos de qualidade⁵. (LACERDA, Aroldo. set, 2014).

Os professores, muitas das vezes, não acreditam que o desenho desempenha um papel tão importante na construção do pensamento da criança, não dispensando a ele sua devida importância. Perdem assim oportunidades de colher pistas sobre a criança, bem como sua maneira de ler o mundo.

Ao representar os objetos do mundo, a criança constrói representações mentais que mobilizam todos os sistemas perceptivos. Por isso, o ato de desenhar não pode ser coadjuvante na educação infantil, porque ocupa lugar relevante em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

2.1 As orientações para Educação Infantil

Desde muito cedo a criança se comunica e representa seu mundo por meio de diversas linguagens, e assim, aprende as primeiras formas de representação do desenho.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil traz sua valiosa contribuição ao afirmar que:

⁴ Disciplina Artes plástica visual, oferecida pela Faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais em outubro/2014. Ministrada pelo Professor Aroldo Lacerda.

⁵ A palavra “qualidade” se refere a imagens reais, sem estereotipia.

Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das linguagens da arte para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, 1998, p. 85).

O Referencial Curricular para Educação infantil (1998) recomenda que a prática das artes visuais, seja abordada fazendo parte do cotidiano infantil, pois este saber artístico está repleto de concepções e ideias que revelam valores, emoções sentimentos e significações sobre si e sobre o mundo ao seu redor, adquirindo caráter ainda mais preciso, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos, intuitivos sensíveis e estéticos, desenvolvendo assim pré- requisitos importantíssimos para a aprendizagem, pensamento, imaginação, sensibilidade, intuição e percepção (BRASIL, 1998).

O documento RCNEI (1998) aborda que todas as modalidades artísticas devam ser contempladas pelo professor, mas destaca o desenvolvimento do desenho por sua importância no fazer artístico das crianças e na construção das demais linguagens visuais. Esse desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que vão dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais elaboradas até o surgimento dos símbolos.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.88, v.3) a linguagem artística é o resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto não ocorre de forma automática nas crianças.

Essa aprendizagem se dá no âmbito prático e reflexivo por meio dos seguintes aspectos:

- Fazer artístico; Possibilita o percurso de criação pessoal.
- Apreciação; Favorece a percepção dos sentidos.
- Reflexão; possibilita refletir sobre o objeto.

De acordo com as orientações do RCNEI (1998), para que as crianças possam criar suas produções é preciso que os professores ofereçam diversas oportunidades, materiais e suportes, para que as mesmas reflitam sobre os resultados obtidos, ou seja, o tempo todo o fazer artístico, a apreciação e reflexão perpassam essa criação.

O RCNEI (1998) nos orienta oferecer diversos suportes e materiais tais como: lápis, pincéis, papéis, para que as crianças possam desenhar. Sugere também que o

professor faça algumas intervenções para contribuir para o processo de desenvolvimento do desenho tais como:

- Que as crianças façam desenhos a partir da observação das mais diversas situações proporcionadas pelo educador;
- Que o professor proponha desenhos com temas, histórias, imagens.
- Organizar, expor e documentar as produções das crianças para que

elas possam acompanhar o seu processo evolutivo, são formas que além de contribuir para o desenvolvimento do desenho, demonstram a importância que os professores estabelecem com as produções das mesmas.

Outro documento que pode ser citado para essa orientação é as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte (2009) que nos mostra algumas questões essenciais sobre como trabalhar com essa área de conhecimento com as crianças. Ele não explicita de forma clara a linguagem do desenho, usa o termo artes enfatizando também as produções das crianças.

Ele tem como suporte a abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa⁶, que fundamenta o ensino das artes em três ações básicas:

- O apreciar; Proporcionar as crianças visita às exposições, contar e mostrar livros de arte, ou mesmo recortes de jornais, apresentar os artistas da cidade.
- O fazer ou experimentar; Possibilitar as crianças o contato com diferentes suportes e materiais, possibilitando pensarmos na arte como lugar para experimentação da construção de novos conhecimentos
- O contextualizar; A experimentação contínua e prazerosa quando provocamos a construção de um novo repertório visual, de acordo com a capacidade das crianças, sobre os instrumentos de criação.

Os documentos citados acima são bem sucintos em relação às orientações estabelecidas para se trabalhar o desenho com as crianças, deixando assim uma lacuna em relação ao professor em trabalhar essa linguagem uma vez que sabemos o quanto o desenho é importante para o processo de desenvolvimento das crianças.

⁶ É a principal referência no Brasil para o ensino da Arte nas escolas, tendo sido a primeira brasileira com doutorado em Arte-educação, defendido em 1977, na Universidade de Boston. Em 1987 desenvolveu, com apoio em sua Proposta Triangular ou Abordagem Triangular (também chamada erroneamente de Metodologia Triangular). Disponível http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Mae_Barbosa acesso 30/03/15 às 12:53.

3.UM PLANO DE AÇÃO

Diante desses saberes em relação ao desenho infantil e ao desenvolvimento da criança, realizou-se uma investigação acerca do olhar dos atores da educação – professores e crianças – em relação ao desenho.

Para tal, desenvolveu-se um estudo envolvendo 8 professoras que atuam com crianças na faixa etária entre 3 a 5 anos de idade; e 8 crianças na mesma faixa etária, com o objetivo de investigar a importância do desenho e o uso do mesmo na visão desses dois grupos.

A pesquisa se torna indispensável quando temos algum problema e dúvida. Minayo (2004.p.17) a conceitua como “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade.”

Os instrumentos da pesquisa utilizados nesse trabalho correspondem a uma combinação da pesquisa bibliográfica, questionários direcionados às professoras e entrevista com as crianças.

O estudo bibliográfico, essencial a toda e qualquer pesquisa, é utilizado com a finalidade de se buscar uma coletânea de textos que se referem à problemática do trabalho. Segundo Manzo (1971, p.32), citado por Marconi e Lakatos (2003, p.183), a bibliografia “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizam suficientemente”.

O questionário é um instrumento de coletas de dados, geralmente composto por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador (MARCONI & LAKATOS, 2003, p.201).

E a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informação do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema, segundo Maraconi & Lakatos (2003. p.196). Na entrevista, podemos falar de forma padronizada ou estruturada, que é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido. O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer perguntas.

A entrevista despadronizada ou não estruturada é onde o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. As perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma

conversação informal. É o painel que consiste na repetição de perguntas de tempos em tempos, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos (MARCONI & LAKATOS, 2003, p.197).

Devido ao pouco tempo para a realização deste trabalho, além da dificuldade e resistência das professoras em participar da entrevista, decidiu-se pelo uso do questionário. Já com as crianças foi realizada uma entrevista coletiva, despadronizada, com o intuito de colher as respostas em relação à questão central do trabalho.

O questionário foi aplicado junto a 8 professoras que trabalham na UMEI Taquaril, com crianças de 3 a 5 anos de idade. Consta de 12 perguntas abertas, a fim de verificar qual a concepção e utilização do desenho infantil dentro da sua prática pedagógica.

Diante das respostas, decidiu-se aplicar outro questionário com pergunta única, de modo a se alcançar o objetivo. Este foi entregue e respondido pelas mesmas 8 professoras.

Com as crianças, alunas também da UMEI Taquaril, em função da pouca idade, bem como do curto tempo para entrevistas individuais, foi feita uma entrevista coletiva onde responderam a 7 perguntas.

3.1 SOBRE A UMEI TAQUARIL⁷

A UMEI Taquaril fica localizada dentro de uma fazenda na Rua Desembargador Bráulio nº3. 550 na região leste de Belo Horizonte. Foi inaugurada no dia 25 de fevereiro pelo atual prefeito Márcio Lacerda tendo como escola núcleo a Escola Municipal Fernando Dias Costa.

O horário de funcionamento da UMEI Taquaril é 07:00 às 11:30 para o 1º turno, 07:00 às 17:30 para o integral e de 13:00 às 17:30 para o 2º turno. É composta por 10 salas e 17 turmas sendo, 6 turmas no turno da manhã de três a cinco anos, 5 turmas no integral de zero a dois anos e 6 turmas no turno da tarde. Têm capacidade para atender 440 crianças, mas atualmente atende a 325 alunos.

⁷Dados retirados do projeto político pedagógico da instituição em dezembro/2014.



IMAGEM 8: Foto fachada UMEI Taquaril
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Em 1981 pessoas sem casa, com o apoio de movimentos sociais e entidades governamentais, iniciaram a ocupação do Taquaril. A área foi dividida em 2000 lotes de 150m², em 1987 foram assentadas 1.883 famílias e em 1988 mais de 300 famílias receberam seus lotes, o processo de construção demandou muita luta e esforço dos moradores.

Desde então a área vem sofrendo sucessivas invasões com a ocupação de áreas verdes, margens de córrego, talvegues, ravinas, áreas de altíssima declividade e risco geológico eminente. As péssimas condições de moradia, a dificuldade de um planejamento habitacional, a complexidade e gravidade dos problemas provocada pela ocupação desordenada, levaram a contratação em 1995 de um Plano Diretor do Taquaril para elaborar um diagnóstico de realidade e apontar diretrizes e propostas de atuação para a reestruturação da área.

Os índices do Censo Demográfico de 2000 apontaram uma situação social precária em relação à renda, escolaridade e moradias em área de risco. A luta da comunidade por melhorias através das Associações Comunitárias vem trazendo grandes melhorias para o Taquaril. A UMEI Taquaril é um exemplo das conquistas dessa comunidade.

Considerando a Lei das Diretrizes e Bases da Educação LDB 9.394-96, a UMEI TAQUARIL se propõe a um trabalho baseado no respeito às diferenças individuais dos educandos e na consideração das peculiaridades das crianças na faixa etária a ser atendida pela Educação Infantil.

A proposta pedagógica pauta-se nos princípios de igualdade, liberdade e solidariedade. Constituindo, portanto, um compromisso com a formação integral dos educandos, aliando o cuidar ao educar e fundamentada numa concepção de criança como sujeito de direitos, ser social e histórico, participante ativo no processo de construção de conhecimento, pautando-se no respeito às diferenças e no processo aos bem disponíveis.

A proposta pedagógica da UMEI Taquaril busca a efetivação de uma educação de qualidade, de acordo com as orientações Nacionais de Educação e as diretrizes as SMED-Belo Horizonte, visando à garantia dos direitos das crianças.

Em suas práticas a UMEI Taquaril se compromete com o bem-estar e o desenvolvimento das crianças, respeitando seus direitos fundamentais, como ter um ambiente acolhedor, cuidados de higiene e saúde, uma alimentação saudável, brincadeiras, ampliação de seus conhecimentos e contato com a natureza.

4.2 Apresentação dos dados

A seguir serão apresentados 3 quadros – um contendo as perguntas e respostas contidas no 1º questionário aplicado às professoras; o segundo, contendo a pergunta e as respostas contidas no 2º questionário aplicado às professoras; e o terceiro, contendo as perguntas feitas em entrevista coletiva com as crianças, bem como suas respostas.

QUESTIONÁRIO I COM AS PROFESSORAS

QUESTÃO	Professora A	Professora B	Professora C	Professora D	Professora E	Professora F	Professora G	Professora H
Tempo de docência na Ed. Infantil	2 anos	3 anos e meio	6anos	10 anos	12 anos	12anos	16 anos	17 anos
Idades dos alunos atuais	4 e 5 anos	3 e 4 anos	4 anos	3 anos	4 e 5 anos	3 anos	4 e 5 anos	4 e 5 anos
Trabalha com desenhos em sala?	Sim,	Sim,	Sim	Sim,	Sim	Sim,	Sim,	Sim,
Como?	Desenhos livres, registro de atividades dirigidas: jogos e brincadeiras	Com temas seguidos de registro livre ou com interferência; observação; contação de histórias	Desenho livre ou como forma de registro	Registros livres; para completar; reprodução; releitura; ligação dos desenhos a palavras ou letras iniciais	Livres e Direcionados	Atualmente está fazendo a evolução do desenho das crianças toda semana	De forma espontânea e livre	Livres outras vezes direcionados
4.Trabalha com desenhos prontos?	Sim	Sim	Não	Sim	Raramente	Sim	Não	Raramente
Por quê?	Trabalha a questão das linhas, que dão limite, coordenação motora	O mínimo de vezes, prefiro utilizar tintas, papel picado, etc.	Eles não os deixam imaginar, prefiro desenhos livres	Por serem recursos didáticos eficientes	Gosto de ver a produção das crianças, os avanços alcançados	É importante a criança ter um modelo no plano	Esse mecanismo não é capaz de analisar o desenvolvimento da criança	Tudo construído pela criança, torna sua aprendizagem significativa

5. Você acha que seus alunos desenham bem? Por quê?	Sim porque se comunicam através dos desenhos	Sim, são as experiências que eles vivenciam	Sim, porque desenham o que imaginam e pensam	Sim, alguns se destacam devido a aptidões natas	Sim, pela riqueza de detalhes e pelo prazer que eles demonstram ao desenhar	Sim, pela riqueza de detalhes no registro	Não existe desenho bom ou ruim; observo o desenvolvimento cognitivo da criança	Sim, por que é algo construído por eles, onde expressam necessidades e desejos
6. Seus alunos gostam de desenhar?	Sim	Sim	Gostam	Gostam	Sim	Sim	A maioria adora	Não,
Quais as reações deles quando você solicita um desenho?	Apresentam reações de prazer	Ficam super felizes com temas e livres	Dizem "Obá! Vamos desenhar o que?"	Mas os resultados melhores são quando há um texto e um contexto	Ficam eufóricos, gosta de desenhar e relatar o que registrou	Demonstram satisfação	Mas há alguns que não se interessam	Dizem que não sabem desenhar
7. Quando seus alunos desenham, têm espaço para imaginar e criar?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Fale um pouco	Há momentos de desenhos livres e dirigidos onde a maioria consegue usar a imaginação e a criatividade	Desenhos livre, de observação e materiais	Gostam de mostrar o que desenham e falar o que representa o desenho	A partir do contexto, imaginam, criam, modificam. Os desenhos livres são legendados com suas intenções	Principalmente quando o desenho é livre	Por vezes o desenho é dirigido, Outras, livre, onde podem utilizar a criatividade	Gostam de contar histórias	É uma atividade que expressa emoções que muitas vezes não somos capazes de entender
8. Quais os materiais ofertados para as crianças desenharem?	Papeis de diversos tamanhos, lápis de cor, giz de cera, tinta pincéis e carimbos.	Giz de cera, tinta, cola colorida.	Lápis de cor, giz de cera, tintas, canetinhas, etc.	Papeis, lápis tintas, colas coloridas canetinhas, telas, pano, chão, parede, quadro, giz.	Folhas diversas, lápis de cor, giz de cera, tintas, colas coloridas, giz molhado, canetinhas	Canetinha, giz de cera lápis de cor.	Lápis de cera, giz, tinta, diversos tipos de papeis.	Lápis e papeis diversos, tinta canetinha, cola colorida, carvão
9. Quais as maiores dificuldades em sala de aula quando as crianças estão desenhando? Suas e das crianças?	Não encontra dificuldades para realizar as atividades seja para registros ou livres	Quando os desenhos são com interferências é mais tranquilo	Por ela não ter habilidade em desenhos, e pela insegurança das crianças	Apresentar contextos para motivar as crianças	Crianças: comparação entre seus desenhos. Minha: que eles não percam o foco	Não encontra dificuldades	Crianças: sem dificuldades. Minha: Criar atividades variadas para elas	Sem dificuldades. Crianças: conceitos de feio e bonito inseridos pela sociedade
10. De um modo geral o que é feito com os desenhos após as realizações?	Portfólios entregue para os pais	Colados em álbuns de projetos e cadernos das crianças; em murais da sala	Mural e portfólios	Expostos, portfólios e utilizados como forma de avaliação da evolução das crianças	Mural da sala e corredor; colados no caderno de atividade	Colados no caderno, Expostos no corredor e no varal da sala	Portfólios e exposições de trabalhos das crianças	Cadernos de atividades e exposições na própria escola na mostra cultural.
11. Em sua opinião, qual a importância do desenho da criança em seu processo de aprendizagem da criança?	Para a evolução nas fases do grafismo, criatividade e comunicação	Para que as crianças se localizem no espaço; grafia das palavras, organização do pensamento	Descreverem sentimentos. situações que estão vivendo, fazer cópias de imagem, Usar seu imaginário	Avaliar a evolução, o psicológico e outros quesitos importantes	Desenvolver a criatividade e valorizar a construção da produção das crianças	Registrar o que aprendeu, Expressar suas emoções e criatividade	Desenvolver a criatividade, sensibilidade e senso crítico	Desenvolvimento da criança
12. Você conhece as fases do grafismo infantil e as reconhece em seus alunos? Como reconhece?	Sim, estágio das garatuja, pré esquemático etc, leva em conta especificidade experiências de cada uma	Sim, garatuja desordenadas Pré esquemáticas etc	Não	Sim, observa suas fases, mediando com a idade, Coordenação motora, Representação da realidade e realização espacial	Sim, Através da evolução do traçado, da oralidade ao relatar o que foi desenhado e na riqueza de detalhes	Sim, faz tempo que estudou mas se recorda muito pouco	Sim, em sua turma, a maioria se encontra na fase pré esquemática	Sim, através dos traços dos desenhos

Com base no questionário entregue às professoras da UMEI Taquaril, pude perceber como o grafismo é entendido por essas profissionais e como as professoras utilizam o desenho dentro da escola.

Para abrir o questionário foi perguntado sobre o tempo de atuação das professoras na Educação Infantil. Cinco delas trabalham há mais de 10 anos, duas entre 3 e 6 anos e uma há aproximadamente 2 anos; ou seja, a maioria apresenta bom tempo de experiência nesse nível de ensino.

Em relação à pergunta de número 2, sobre a faixa etária com a qual as professoras estavam lecionando no momento, três trabalham com crianças de 3 a 4 anos, quatro com crianças de 4 a 5 anos e uma com crianças de 5 a 6 anos de idade.

Na pergunta de número 3, com relação à utilização do desenho em suas práticas pedagógicas, todas respondem afirmativamente. Apresentam o uso de desenhos livres, direcionados, com interferências; trabalham releituras, reprodução e registros de atividades realizadas na escola. Uma das professoras diz que atualmente está trabalhando a evolução dos desenhos através da observação semanalmente das produções das crianças. Ou seja, todas trabalham com desenhos no cotidiano da prática pedagógica com crianças.

Com relação ao uso de desenhos prontos, xerocados ou mimeografados, metade das professoras (quatro) afirmam que sim, reconhecendo-os como recursos didáticos importantes. Justificam na necessidade de a criança ter um modelo no plano, no limite proporcionado pelas linhas contribuindo no desenvolvimento da coordenação motora. Tais justificativas apontam um uso focado em aspectos positivos observados por estas professoras.

Duas outras professoras afirmam que não usam e justificam na limitação que impõem à imaginação da criança, além de considerar como um mecanismo que não permite analisar o desenvolvimento da criança. As outras duas, que afirmam utilizarem raramente, justificam exatamente na limitação que impõem na observação dos avanços das crianças e por reconhecerem a importância do protagonismo da criança nos processos significativos de aprendizagem. Todas as justificativas apontam o reconhecimento dos limites e possibilidades desse recurso utilizado nos processos pedagógicos objetivados na educação infantil.

Partindo da afirmação de Lowenfeld (1997,p.41) de que “pode ser mais importante para a criança adquirir liberdade de expressão do que reunir informações factuais”, podemos pensar esse recurso como negativo. Embora o uso do desenho pronto esteja presente na prática da maioria das entrevistadas, estas demonstram também oportunizar a criação das crianças. Desse modo, apresentando o conhecimento de que o desenho é uma linguagem própria da criança, superior a qualquer atividade que limite o ato criador.

Ao perguntar se as crianças desenhavam bem, sete das oito professoras respondem que sim. E justificam suas respostas afirmando que as crianças se

comunicam através dos desenhos; por meio destes, expressam suas necessidades e desejos; que estes se referem às experiências que vivenciam, aos seus pensamentos e imaginação. Desse modo, focando na função do desenho para a criança e não em sua relação com a habilidade. Uma destas professoras destaca a riqueza de detalhes presente nos desenhos e o prazer em realizá-los. Apenas uma destas professoras ressalta que alguns alunos se destacam devido a aptidões natas; desse modo, apresentando o foco de fato nas habilidades.

Cabe destacar que uma última professora não responde sim nem não à questão. Apenas afirma que “não existe desenho bom ou ruim” e acrescenta que observa desenvolvimento cognitivo da criança por meio destes.

Sete das oito professoras afirmam que as crianças, em sua maioria, gostam de desenhar. Observam que há satisfação em momentos, livres, direcionados, de registro e demais propostas. Descrevem que ficam eufóricos, querem relatar o que desenharam, apresentam reação de prazer e logo querem saber o que vão desenhar; e que alguns gostam quando a professora apresenta um tema. Diante de seus relatos, cabe destacar Lowenfeld (1977, p.21) quando afirma que “uma criancinha de três anos, por exemplo, pode sentir-se completamente feliz ao movimentar seu lápis sobre qualquer pedaço de papel”.

Apenas uma professora responde negativamente, justificando na afirmativa das crianças de que não sabem desenhar. Percebe-se aí a interferência do mundo adulto que de alguma forma transmite à criança a noção de julgamento em relação à qualidade de suas produções. Nesse momento, o papel do professor deve ser o de proporcionar estímulos positivos. De acordo com Lowenfeld (1997, p.19),

Se fosse possível que as crianças se desenvolvessem sem nenhuma interferência exterior, não seria necessário estímulo algum para seu trabalho criativo. Toda criança usaria seus impulsos criadores, profundamente arraigados, sem inibição, confiante em seus próprios meios de exprimir-se.

Desse modo, quando a criança rabisca ou desenha deve se proporcionar a ela o encorajamento e permissão para explorar, questionar e refletir por meio de suas próprias iniciativas, de modo a assumir suas responsabilidades criativas. Mas, no caso desse grupo de professoras, todas respondem na questão 7, que as crianças têm espaço para imaginar e criar em suas atividades com desenho. Isso tanto nas propostas de desenhos livres, quanto nas propostas mais dirigidas.

Cabe destacar que a imaginação e a criação não surgem do nada, mas são frutos e experiências que as crianças vivenciam. A imaginação é um fator importante para o desenvolvimento do grafismo, e os sentimentos são expressos de modos singulares nas produções das crianças. De acordo com Sans (2005, p.45),

A criança, quando desenha, coloca um sentimento instantâneo a respeito do que transpõe graficamente, ao interpretar o que observa, ao criar, ou ao relembrar cenas. A imaginação é gerada pela capacidade de relacionar e estabelecer combinações de tais imagens, incorporando o sentimento ao processo de pensamento.

Sendo assim, devemos dar liberdade às crianças e proporcionar lhes ambientes agradáveis para que elas possam exprimir se através do desenho da melhor forma possível.

Quanto aos materiais ofertados às crianças para suas produções, as professoras apresentam lápis de cor, giz de cera, canetinhas, tintas, papéis diversos, cola colorida. Uma delas, além de todos os materiais citados, permite o contato com telas, chão, parede, quadro. Ou seja, as professoras oferecem materiais e suportes diversificados, possibilitando aos seus alunos um ambiente estimulante o que permite a exploração de novos conhecimentos.

Com relação às dificuldades encontradas durante as atividades de desenho, as professoras apontam haver poucas entre as crianças. Uma destaca certa insegurança das crianças e a comparação entre seus desenhos. As maiores dificuldades se referem às próprias professoras; que citam: não ter habilidade em desenhos, os contextos a serem apresentados para motivar as crianças, mantê-las no foco, criar atividades variadas para elas, respeitar a forma como desenham, seus conceitos de feio e bonito inseridos pela sociedade.

É notório que as dificuldades são de modo geral dos adultos. Embora teoricamente parecem conhecer o sentido e a função do desenho para a criança, diante dessa proposta, demonstram terem perdido o laço com o desenhar e o sentido vence a espontaneidade.

A pergunta de número 10 quer saber o que é feito com os desenhos das crianças após realizações. Todas as professoras fazem exposições dos desenhos em murais dentro e fora da sala de aula e uma delas expõe também na mostra cultural que é realizada pela escola. Três professoras além da exposição fazem portfólios, três colocam em cadernos e álbuns de projetos e duas utilizam como

forma de avaliação para o desenvolvimento das crianças. E todos os desenhos são entregues para as famílias após essas ações. O que nos mostra a preocupação e valorização desses profissionais com os desenhos produzidos pelas crianças.

Na pergunta de número 11 é levantada a ideia das professoras em relação à importância do desenho no processo de aprendizagem escolar. As professoras responderam que através do desenho as crianças se desenvolvem, demonstram sentimentos, situações que estão vivenciando, usam o imaginário, demonstram criatividade e se comunicam. Para elas, o desenho contribui também na grafia das palavras, na organização do pensamento, na localização das crianças no espaço; desenvolve o senso crítico das mesmas e contribui também para valorização da própria produção das crianças.

A última pergunta aborda o conhecimento e o reconhecimento das professoras em relação às fases do grafismo infantil. Seis das oito professoras afirmam que conhecem e reconhecem em seus alunos, através do traço das crianças, da oralidade ao relatarem o que foi desenhado, na riqueza dos detalhes, coordenação motora, representação da realidade, fantasia e organização espacial. Algumas até citam as fases “garatujas desordenadas, garatujas ordenadas e pré esquemática”. Uma afirma que estudou estas fases, mas não se lembra; e outra (a única) que não conhece essas fases.

Diante das respostas das professoras, pode se concluir que elas dão muita importância ao desenho, evidenciadas quanto à relevância para o desenvolvimento infantil. Elas apontam contribuições referentes ao ato de desenhar desde construção de habilidades para a escrita até a expressão de sentimentos e emoções.

Sabemos que o professor tem a responsabilidade de criar oferecer espaços e estratégias que contribuam para a aprendizagem e para o desenvolvimento infantil, os quais passam pela mediação. Essa preocupação é notória por parte das mesmas que propõem diversas situações com as produções das crianças, que vão desde desenhos com interferência, com temas, livres direcionados, dentre outros.

A partir de tais conclusões, percebe-se o conhecimento das professoras em relação ao tema. Surgiu o interesse em saber se estas, munidas desse conhecimento, conseguem desenvolver o que sabem e o que acreditam em relação ao desenho. Desse modo, foi elaborado um questionário, com pergunta única, para se levantar dados sobre esta questão. A pergunta e as respostas serão descritas a seguir.

QUESTIONÁRIO II – COM AS PROFESSORAS

QUESTAO	Professora A	Professora B	Professora C	Professora D	Professora E	Professora F	Professora G	Professora H
Durante seu cotidiano, consegue realizar as ações pedagógicas que você gostaria e acredita com os desenhos produzidos pelas crianças?	Sim	Sim	Sim	Não.	Sim	Sim	Sim.As condições materiais e de trabalho favorecem.	Sim
Sendo a resposta negativa, qual ou quais fatores que você identifica como dificultadores dessa realização?				Quantidade de crianças, falta de concentração de algumas. O querer da criança na participação da atividade				
O que de fato gostaria de conseguir realizar?				Verificar a aprendizagem Demonstrar sentimentos Desenvolver habilidades Aferir nível de concentração Explorar novidades, cores, forma e texturas, etc.				

Na pergunta de número 1 foi investigado se as professoras conseguem realizar todas as ações pedagógicas que gostariam e acreditam com os desenhos produzidos pelas crianças. Sete das oito professoras responderam que conseguem realizar todas as atividades que gostariam e acreditam em relação ao desenho das crianças. Uma delas ainda destaca as condições de trabalho e materiais para esse desenvolvimento.

De acordo com Lowenfeld (1977), somente através dos sentidos a aprendizagem pode processar-se. Primeiro temos que saber se as atividades oferecidas pelas professoras estão sendo processadas pelas crianças no sentido de aprendizagem.

O autor afirma que as escolas têm oferecido um número grande de atividades para as crianças, que envolvem manipulação e movimento, mas a maioria é ensinada como fins de si mesmas. O propósito parece visar desenvolver determinadas aptidões, para se comprovar que elas foram ensinadas, em vez de usá-las como meio de expressão.

Uma professora respondeu que não consegue realizar as atividades que gostaria devido à quantidade de crianças em sala; devido a umas concentrarem-se nas atividades e outras não; e devido ao querer da criança. Certamente que uma sala com um número menor de crianças facilita o trabalho do professor. Mas,

embora as políticas públicas não favoreçam isso, não podemos deixar de oferecer para a elas o que precisam para se desenvolverem de forma plena.

A desdobramento da pergunta buscou- saber o que de fato as professoras gostariam de realizar com as produções das crianças. A única professora que afirmou não conseguir realizar o que gostaria e acredita, coloca que gostaria de verificar de fato a aprendizagem, a demonstração de sentimentos, o desenvolvimento das habilidades, aferir o nível de concentração, explorar novidades, cores, formas e texturas.

O relato desta professora é muito significativo, embora as demais demonstram-se satisfeitas com o trabalho que realizam. Será que de fato alcança-se uma aprendizagem significativa com as crianças? Ou vê-se o desenho como um recurso didático para outros fins? Diante destas questões, decidiu-se por verificar a visão das crianças em relação às atividades de desenho na escola.

Para tal, realizou-se uma entrevista coletiva com 8 crianças estudantes da UMEI Taquaril, com idades entre 3 a 5 anos .Essas crianças foram escolhidas aleatoriamente pelas professoras regentes das turmas.Priorizou-se essa faixa etária por se tratar do início do grafismo infantil. O recolhido nessa entrevista será descrito a seguir.

ENTREVISTAS – COM AS CRIANÇAS

Pergunta	Criança M	Criança G	Criança J	Criança O	Criança Y	Criança K	Criança N	Criança ME
Você gosta de desenhar?	Gosto	Gosto	Sim	Gosto	Sim	Gosto	Sim	Gosto
Você prefere colorir ou desenhar?Porque?	Desenhar. Por que é muito divertido	Desenhar. Por que é muito divertido	Colorir. Porque é divertido	Colorir. Mudou de assunto mas retomei a pergunta e ele disse que é porque colore todos os dias.	Desenhar. Por que prefiro desenhar"	Desenhar e colorir.Por que eu gosto"	Colorir e desenhar. Eu desenho até um tanto de espadas, mas não sei desenhar borboleta e lagartixa, nem uma cobra."	Colorir. Porque a gente faz o desenho para colorir"
Você desenha na escola? Muito ou pouco?	Desenho. Muito	Desenho. Muito	SIM. Muito	Sim. Muito	Sim. Muito	Sim. Muito	Sim.Muito	Desenho, muito
O que você desenha?	Eu desenho às vezes uma pessoa que se chama você...Eu desenho meu pai, minha mãe, todo mundo daqui".	Minha mãe, meu pai, minha casa e minha escola"	Minha família e minha casa"	Eu desenho um menino"	Desenho minha mamãe, meu papai, meu irmão.	Eu não sei. Indaguei novamente sobre a pergunta e a mesma disse que tinha esquecido o que desenha.	Eu desenho só uma bola de lixo	Eu,minha mãe, meu pai, minha casa.
Você gosta de desenhar na escola?	"Gosto"	"Gosto"	Sim.	"Gosto"	"Gosto"	"Gosto"	"Eu gosto"	"Gosto"

Para onde vão os seus desenhos depois que você termina?	"O é pra o armário da minha professora".	"Para a mesa da professora"	"Para o armário da professora".	"Para o meu quarto..." Indaguei a criança novamente e ele disse a professora coloca "pendurados no cabide "na sala de aula.	Ela responde que " desenha com a canetinha e depois a Mary (professora) põe para secar e depois vai estudar com outra professora".	"Coloca no armário dela"	"Coloca em cima da mesa dela".	"Para a professora" indaguei aonde a professora colocava os desenhos ela disse "no armário dela"
O que você gostaria que a professora fizesse com seus desenhos depois de prontos?	" ...Que um caminhão passasse e levasse lá na casa da minha mãe..."	"Colocar no quadro" ...e depois levasse ao museu para todo mundo ver são o que todos os pintores fazem	"De colocar lá na parede"	Não soube responder.	"Pede para a gente fazer outra coisa, põe para secar, depois ela tira e depois coloca no armário dela." Indaguei novamente sobre a pergunta e ela fala que gostaria que a professora fizesse uma coisa diferente colocasse uma estrelinha em seu desenho.	"Que a professora fizesse um arco íris"	"...Gostaria que colocasse na mesa aonde a gente senta"	"Na mesa"

Na pergunta de número 1 perceber-se a importância do desenho para as crianças de 3 a 5 anos de idade. Todas demonstram satisfação ao desenhar.

A pergunta de número 2, embora algumas crianças falem que preferem colorir ao invés de desenhar, mostra que o desenho está bem presente no cotidiano dessas crianças, uma vez que todas respondem nas questões 3 e 5 que desenharam muito na escola e gostam.

O desenho dessas crianças, portanto, revela o conhecimento de mundo que as mesmas possuem, mostrando que isso não é algo isolado, é algo adquirido social e culturalmente, faz parte do conhecimento de mundo da criança, para constatar isso podemos observar, na resposta de número 4 que ao serem interrogadas em relação do que gostam de desenhar a maioria representa elementos de seu cotidiano, pai, mãe, tios, etc.

Quando pergunto para as crianças para onde vão os seus desenhos depois de prontos a maioria responde que a professora coloca dentro do armário e/ou em cima da mesa de sua sala. Embora as professoras saibam da importância do desenho e façam bastante uso do mesmo em sala de aula como mostram na pergunta de número 10, as crianças querem que seus desenhos sejam dialogados, pois se percebe que não há comunicação, uma valorização dessas produções quando as mesmas terminam de desenhar.

O desenho é tão importante para as crianças que precisa ser visto, pela família, pela professora e por que não pensarmos em colocá-los em um "quadro... e

depois levasse ao museu para todo mundo ver são o que todos os pintores fazem”. Nesse depoimento citado por uma das crianças entrevistada, fica claro como as crianças desejam que seus desenhos sejam fontes de comunicação entre elas e os adultos, por isso suas produções devem ser sempre reforçadas e valorizadas pelos professores e seus familiares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver esta pesquisa, busquei manter minhas reflexões pautadas no desenho e suas relações entre a criança e o /professor. Destaquei o desenho como sendo a primeira manifestação gráfica de uma criança.

A partir da pesquisa pude compreender as fases do grafismo apresentadas por Lowenfeld, as quais me permitiram perceber como essa ação contribui para grafia das palavras no início do processo de alfabetização das crianças.

A revisão bibliográfica me fez compreender que o desenho é a forma pela qual as crianças veem o mundo.

A entrevista com as crianças nos mostra o quanto elas são simbolistas e que seus desenhos expressam a necessidade que tem de se comunicarem.

Os questionários respondidos pelas professoras fazem uma análise do que temos permitido a essas crianças enquanto possibilidades para se desenvolverem através do grafismo, que vão desde a livre expressão até desenhos prontos.

Podemos perceber ainda com a pesquisa que os professores admitem que as crianças gostam de desenhar e sentem felizes.

Outro ponto relevante dessa pesquisa é em relação aos documentos oficiais que orientam essa prática do desenho nas escolas, uma vez que se observa que tanto os Referencias Curriculares Nacionais de Educação Infantil (1998), quanto as Proposições Curriculares do Município de Belo Horizonte (2009) falam de forma sucinta desse importante mecanismo pedagógico que é o desenho.

Os conhecimentos que adquiri através da leitura dos textos me ajudaram refletir sobre a minha prática pedagógica. Ao interagir com as crianças, professoras e bibliografias, compreendi que muitas hipóteses iniciais se confirmavam ao mesmo tempo em que outras, alcançavam definições mais elaboradas.

Confirmei o quanto o desenho é importante para as crianças. Em contrapartida reconheci que as práticas pedagógicas que eu julgava incorretas dependem de um contexto. Comecei a ver o desenho não só pelo lado da livre expressão, mas como um recurso pedagógico que precisa ser estimulado pelo professor com propostas livres e também direcionadas.

Não foi fácil mudar essas concepções, muitas vezes briguei comigo mesma e com minha orientadora. Essa mudança foi difícil, mas valeu à pena, pois me fez enxergar o desenho em suas várias possibilidades.

É preciso ter muita disposição para incentivar as crianças, dar espaços para elas imaginarem, observar atentamente os processos gráficos realizados pelas mesmas, de modo a valorizar suas capacidades, desejos e conhecimentos.

Com este trabalho julgamos demonstrar como o desenho é importante no desenvolvimento das crianças e que ele não é uma forma de passarem o tempo é que os professores da pesquisa também não o veem como tal. Fato reconhecido pelos professores participantes da pesquisa

Considerando as reflexões e constatações realizadas no decorrer da pesquisa, encerro minhas escritas na certeza de que ainda há muito que se conhecer e analisar sobre o desenho das crianças.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância**. Coleção interações, ed.Edgar Blucher Ltda,São Paulo, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da.**Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**.6.ed.Porto Alegre: Mediação,2006.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 4 ed.São Paulo: Scipione,2010.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 9ª ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e Linguagem no Desenho Infantil da Criança**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Papiros, 2003.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina. **Fundamento de metodologia científica** 5.ed.- São Paulo: Atlas 2003.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**: Um guia para os pais.São Paulo: Mestre Jou,1997.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W.Lambert.**Desenvolvimento da capacidade criadora**.São Paulo:mestre Jou,1997.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**. São Paulo: Cultrix,1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, ed. Vozes, 1994.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. Coleção espaço, 11 ed. São Paulo: Loyola, 1984.

PREFEITURA, Belo Horizonte. Secretária de Educação. **Desafios da Formação: Proposições Curriculares Educação Infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH.** Belo Horizonte, 2009.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Fundamentos para o ensino das artes plásticas.** Campinas, SP: Alínea, 2007.

Unidade Municipal de Educação Infantil. UMEI Taquaril. **Proposta Político Pedagógica.** Belo Horizonte, 2004.

APÊNDICE A- 1º Questionário aplicados as professoras

LASEB-CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA Faculdade de Educação da UFMG

Queridas colegas, estou fazendo o trabalho final para conclusão do curso de Pós-graduação, gostaria de contar com a ajuda de vocês respondendo ao questionário para enriquecer este trabalho.

1) Há quanto tempo trabalha com a Educação Infantil?

2) Atualmente você está trabalhando com crianças de qual/quais idade(s)?

3) Você trabalha com desenhos com seus alunos? Como?

4) Com que frequência usa desenhos prontos/ mimeografados com as crianças? Por quê?

5) Você acha que seus alunos desenham bem? Por quê?

6) Seus alunos gostam de desenhar? Quais as reações deles quando você solicita um desenho?

7) Quando seus alunos desenham, eles têm espaço para imaginar e criar? Fale um pouco.

8) Quais os materiais ofertados para as crianças desenharem?

9) Quais as maiores dificuldades enfrentadas em sala de aula, quando as crianças estão desenhando? Suas e das crianças.

10) De modo geral, o que é feito com esses desenhos após as realizações?

11) Na sua opinião, qual a importância dos desenhos da criança em seu processo de aprendizagem na escola?

12) Você conhece as fases do grafismo infantil e as reconhece em seus alunos? Como reconhece?

APÊNDICE B- 2º Questionário aplicados as professora

**LASEB-CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ENSINO NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Faculdade de Educação da UFMG

Cara professora, no intuito de complementar dados necessários à finalização da pesquisa de Pós-graduação sobre o “desenho infantil”, gostaria de contar com sua contribuição respondendo a questão a seguir:

Durante seu cotidiano, consegue realizar as ações pedagógicas que de fatos gostaria e acredita com os desenhos produzidos pelas crianças?

() Sim

() Não- Sendo a resposta negativa , qual ou quais os fatores que você identifica como dificultadores dessa realização?


O que de fato gostaria de realizar?

APÊNDICE C- Perguntas da entrevista com as crianças

- 1) Você gosta de desenhar?
- 2) Você prefere colorir ou desenhar? Porque?
- 3) Você desenha na escola? Muito ou pouco?
- 4) O que você desenha ?
- 5) Você gosta de desenhar na escola?
- 6) Para onde vão os seus desenhos depois que você termina?
- 7) O que você gostaria que a professora fizesse com seus desenhos depois de prontos?

ANEXOS A

Autorização para desenvolver o projeto de pesquisa na escola

 LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de março de 2015.

Prezado(a) Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que o(a) professor(a)/cursista Alexandra Ferreira de Santana Silva do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG, desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

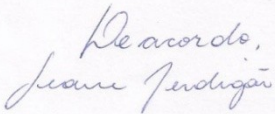
Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e as questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

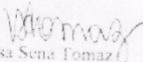
Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os projetos nele desenvolvidos.

Atenciosamente,


Leane Costa Perdigão - BM 43887-5
Vice-Diretor de Estabelecimento de Ensino
UMEI - TAQUARIL
Nomeação: DOM de 10/01/2015


Vanessa Sena Tomaz
Coordenadora Geral do Curso

Faculdade de Educação da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

ANEXOS B

Modelo de autorização para imagem



LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de março de 2015.

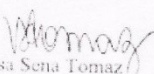
Prezados Pais,

O(a) Prof.(a) _____ desenvolverá, nesta escola, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,


Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

Nome do aluno(a): _____

De acordo: assinatura dos pais / responsáveis pelo(a) aluno(a)

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

ANEXOS C

Algumas propostas realizadas na UMEI Taquaril pelas crianças com o desenho



IMAGEM1: Desenho de observação realizado com recortes de revistas

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

ANEXOS D



IMAGEM 2: Desenho com giz de quadro negro
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

ANEXO E



IMAGEM 3 : Desenho realizado a partir da história
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

ANEXO F



IMAGEM 4: Desenho de observação
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



IMAGEM 5: Desenho de observação imagem da obra de Candido Portinari
Fonte: arquivo da pesquisadora



IMAGEM 6: Desenho de observação feito com massinha obra de Candido Portinari
Fonte: arquivo da pesquisadora